



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## DESAFIOS DA TEOLOGIA NEGRA DE LIBERTAÇÃO: JORNAL PILAR, DUQUE DE CAXIAS, 1990-1992.

Cláudia Regina de Paula<sup>1</sup>

UERJ/PROPED

claudiareginadepaula@yahoo.com.br

### Introdução

(..) Depois do Concílio Ecumênico Vaticano II, uma renovada conscientização das exigências da mensagem evangélica traz à Igreja a obrigação de se pôr ao serviço dos homens, para os ajudar a aprofundarem todas as dimensões de tão grave problema e para os convencer da urgência de uma ação solidária neste virar decisivo da história da humanidade.(...) Hoje, o fenômeno importante, de que deve cada um tomar consciência, é o fato da universalidade da questão social. João XXIII afirmou-o claramente e o Concílio fez-lhe eco com a Constituição pastoral sobre a *Igreja no mundo contemporâneo*. Este ensinamento é grave e a sua aplicação urgente. Os povos da fome dirigem-se hoje, de modo dramático, aos povos da opulência. A Igreja estremece perante este grito de angústia e convida a cada um a responder com amor ao apelo do seu irmão. PAULO VI papa *Populorum Progressio* (1967)

Os grupos que emergiram e se organizaram com apoio da diocese caxiense no contexto da década de 1990, ainda foram alcançados pelos reflexos advindos da renovação na doutrina social da Igreja Católica, após o Concílio Vaticano II e a opção pelos pobres. A partir desse marco político-temporal, a Igreja passou a acolher e mobilizar um conjunto de iniciativas e demandas populares consubstanciadas nas organizações de pastorais e Comunidades Eclesiais de Base, influenciadas pelo conceito de *Igreja docente*. Através da ação pedagógica intencional, (catequética, evangelizadora e/ou disciplinadora), a instituição atuou na formação de agentes populares leigos, para a conscientização, compartilhando dos ideais emancipatórios da Teologia de Libertação. Na Baixada Fluminense, essas experiências se disseminaram rapidamente em razão da

---

<sup>1</sup> Cláudia Regina de Paula é doutoranda em Educação no PROPED/UERJ orientada pelo prof. Dr. Roberto Conduru. Licenciada em Pedagogia (1999) pela (UERJ), especialista em Relações Raciais e Educação (2002) pelo Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira da Universidade Federal Fluminense (Penesb/UFF), mestre em Política Social (2004) pela UFF. Pesquisadora do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros (Leafro), Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Professora do curso de pós-graduação “Diversidade Étnica e Educação Superior Brasileira” e técnica em assuntos educacionais na mesma universidade. O presente trabalho integra sua pesquisa de doutoramento “Pilar da negritude: movimento negro na Diocese de Duque de Caxias, década de 1990”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

carência de equipamentos e serviços públicos, o que a tornou um espaço fecundo para mobilização e enfrentamento do *status quo* vigente.

Na hierarquia eclesial católica o diálogo com a realidade social, cultural, política, artística produziu uma tensão permanente entre conservadores e progressistas. No início da década de 80, os conservadores encontraram respaldo no pontificado de João Paulo II (1978-2005) e no Cardeal Prefeito Joseph Card. Ratzinger (atual papa Bento XVI), que em reunião ordinária da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, em Roma, na *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*, pontuou:

A presente Instrução tem uma finalidade mais precisa e mais limitada: quer chamar a atenção dos pastores, dos teólogos e de todos os fiéis, para os desvios e perigos de desvio, prejudiciais à fé e à vida cristã, inerentes a certas formas da teologia da libertação que usam, de maneira insuficientemente crítica, conceitos assumidos de diversas correntes do pensamento marxista. (...) No presente documento tratar-se-á somente das produções daquela corrente de pensamento que, sob o nome de « teologia da libertação », propõem uma interpretação inovadora do conteúdo da fé e da existência cristã, interpretação que se afasta gravemente da fé da Igreja, mais ainda, constitui uma negação prática dessa fé. RATZINGER, Joseph Card. (1984)

O Vaticano caminhou na direção que apontou o texto acima e aplicou medidas punitivas e a exclusão de teólogos mais engajados, (Leonardo Boff no Brasil e o ex-padre Jean Bertrand Aristide, eleito presidente do Haiti pela primeira vez em 1990, são exemplos). Além de promover o fechamento de seminários progressistas e a intervenção na Confederação dos Religiosos da América Latina (CLAR), por sua proximidade com a Teologia da Libertação. Para LÖWY (1996), o objetivo de Roma é a *normalização* da Igreja latino-americana, e, para tanto, recorreu à nomeação de bispos conservadores que se apressaram em dissolver as redes e pastorais engajadas em ações sociais. Segundo o autor, tais medidas visam à restauração doutrinal, a fim de garantir a centralização autoritária do Vaticano na América Latina contra o cristianismo da libertação. Essas ações ocorreram durante o pontificado do polonês Karol Wojtyła, o popular João Paulo II beatificado em 01/05/2011 pelo seu sucessor Joseph Card RATZINGER, papa Bento XVI, que referendou nesse ato, que:

Karol Wojtyła subiu ao sôlio de Pedro trazendo consigo a sua reflexão profunda sobre a confrontação entre o marxismo e o cristianismo, centrada no homem. A sua mensagem foi esta: o homem é o caminho



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

da Igreja, e Cristo é o caminho do homem. Com esta mensagem, que é a grande herança do Concílio Vaticano II e do seu ‘timoneiro’ – o Servo de Deus [Papa Paulo VI](#) –, [João Paulo II](#) foi o guia do Povo de Deus ao cruzar o limiar do Terceiro Milênio, que ele pôde, justamente graças a Cristo, chamar ‘limiar da esperança’. (...) Por fim, quero agradecer a Deus também a experiência de colaboração pessoal que me concedeu ter longamente com o Beato Papa [João Paulo II](#). Se antes já tinha tido possibilidades de o conhecer e estimar, desde 1982, quando me chamou a Roma como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, pude durante 23 anos permanecer junto dele crescendo sempre mais a minha veneração pela sua pessoa.

## **Os Missionários Combonianos e a criação do jornal *Pilar***

A Baixada Fluminense têm inscritas em suas memórias, uma histórica tradição de lutas, e, sem pretender datar ou tecer juízos de valor sobre os movimentos reivindicativos e libertários, é possível depreender que esses se caracterizam por exercerem um contra poder. Um panorama de carência econômica, opressão sociopolítica e cultural sobre a população baixadense, expressas na ausência de políticas sociais, aliadas às repressões do Estado influenciou a formação de entidades organizadas com intenção de suprir essas lacunas.

As organizações de caráter popular na região receberam um novo aporte, ao final da década de 80, com a chegada da ordem dos Missionários Combonianos. Embora no Brasil, desde a década de 1950, mais precisamente no Maranhão e no Espírito Santo, em Duque de Caxias e São João de Meriti, os missionários chegaram em 1987. A ordem, fundada por São Daniel Comboni<sup>2</sup> (1831-1881), santificado em 2003, tinha como missão a evangelização dos povos africanos. Seus membros, portanto, estão identificados com a causa étnico-racial e com os movimentos sociais em busca de justiça e, pretendiam “olhar com mais atenção para a realidade africana do Brasil”:

O interesse dos combonianos pela questão afro vem dos anos 70 quando surgiu o desejo, em nome das raízes africanas do instituto nascido para a África e voltado por muitas décadas exclusivamente para a África, de olhar

---

<sup>2</sup>Antonio Daniele Comboni nasceu em Limone Sul Garda em 1831 e morreu em Khartoum (Sudão) em 1881. Foi Vigário Apostólico da África Central e fundador de dois importantes institutos missionários: o ramo masculino, denominado Istituto della Missioni per la Nigrizia (atuais Missionários Combonianos do Coração de Jesus) e o ramo feminino, denominado Pie Madri della Nigrizia (atuais Missionárias Combonianas do Coração de Jesus). ( SANTOS, 2002, p.111-154).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

com mais atenção para a realidade africana do Brasil. A mesma sensibilidade despertava iniciativas parecidas em outros países da América Latina, sobretudo Equador e Colômbia. (MUNARI<sup>3</sup>, 19/01/2011)

Os combonianos que assumiram um trabalho específico com os afro-brasileiros centraram a linha de atuação em duas dioceses do Brasil: Salvador e Duque de Caxias. Estas cidades deveriam fornecer os suportes religiosos e políticos para a elaboração de novas práticas litúrgicas e de intervenção que favorecessem uma participação maior dos negros nas atividades eclesiais e sociais. (SANTOS, 2002, p.49)

A capital baiana, que agrega significativa população afro-descendente e uma pluralidade religiosa que contempla as matrizes européias, africanas e afro-brasileiras, que produziu desde as irmandades religiosas, uma espécie de afro-catolicismo (REIS, 2001), pareceu uma escolha pertinente. Mas a escolha de Duque de Caxias teve razões conjunturais e políticas, como declarou mais uma vez, MUNARI (19/01/2011):

A experiência começou em Salvador, no começo de 1980, como trabalho conjunto das duas províncias combonianas do Brasil. Depois que a equipe de Salvador se fortaleceu e depois que aquela comunidade passou a fazer parte, juridicamente, da província comboniana do Brasil Nordeste, a outra província achou que não podia perder esta sadia provocação interna vinda do mundo afro e decidiu abrir uma nova comunidade em Duque de Caxias. A escolha natural seria Rio de Janeiro, mas, por questões conjunturais (sobretudo a presença de dom Eugênio Salles, pouco interessado e nada sensível para a problemática e hostil às CEBs) pareceu mais sábio procurar um lugar onde pelo menos a proposta pudesse ser acolhida ou pelo menos "tolerada". Daí o contrato da congregação com dom Mauro Morelli e a diocese de Duque de Caxias e a ida dos primeiros combonianos para Éden, em São João de Meriti em 1987. De lá depois passaram para Vila São Luis, em seguida para Gramacho, acrescentando também uma segunda comunidade, Santa Terezinha, onde ainda permanecem.

Os Missionários Combonianos firmaram um contrato da congregação com a Diocese de Duque de Caxias, e, três anos depois passaram a dirigir a primeira publicação diocesana, que se tornou veículo de informação, mobilização e organização do movimento popular, o *Pilar*. Pertencem a referida ordem, os três diretores do jornal, na década de 1990: os padres Lino Cordero<sup>4</sup>, João Munari e Mario Andrighetto.

---

<sup>3</sup>Atualmente missionário na Itália, Padre João Munari concordou em conceder entrevistas via correio eletrônico.

<sup>4</sup> Padre Lino Cordero é italiano e chegou ao Brasil em 1967 e, no trabalho pastoral no Espírito Santo, dirigiu a revista *Sem Fronteiras* e *Alô Garotada*. Em Duque de Caxias, foi o primeiro diretor do jornal *Pilar*. Atualmente responsável pelo site [www.combonianos.org.br](http://www.combonianos.org.br), assim descreve o trabalho dos



A imprensa, um caminho natural a ser trilhado, como observou também SANTOS (ibidem), acerca da vasta produção material e intelectual dos Missionários Combonianos que resultou em várias publicações. A primeira delas, a revista fundada por D. Comboni na Itália, em 1872, com o nome de “Annali dell’ Associazione del Brion Pastore”, que, em 1883, mudou de nome para “Nigrizia”, ainda hoje é publicada.

A partir de *Nigrizia*, estruturaram-se as outras revistas missionárias combonianas, como por exemplo, a *Comboni Missions* (para os países de língua inglesa), a *Além Mar* (Portugal), a *Sem Fronteiras: a Igreja do Brasil aberta para o mundo*, além dos suplementos infantis como a *Aguiluchus* (em espanhol), a *Audácia* (Portugal) e o *Alô Mundo* (Brasil). A revista comboniana brasileira, *Sem Fronteiras*, apresenta um noticiário da situação política e social do país, tomando partido de movimentos sociais importantes e criticando o modelo econômico neoliberal. (...) Nos anos 70 e 80, a revista desempenhou um importante papel integrador das dioceses do país e a abordagem de seus artigos aproximava-se da Teologia da Libertação, sendo na época um importante fórum de debate teológico e intelectual. (ibidem, p.56-57)

Ao assumirem a direção do Pilar, os Missionários Combonianos ofereceram aos movimentos populares, e, em especial, ao movimento negro em sua base católica, um canal de comunicação alternativo, que permitiu ampliar a ação e a formação dos grupos. Para avançar no processo de luta pela igualdade racial, as forças precisavam se aglutinar, para se tornarem cada vez mais combativas. O avanço, no dizer de Gramsci, (2005) dependeria da capacidade de “conseguir, sistemática e pacientemente formar, desenvolver, tornar mais homogênea, compacta, ciente de si mesma essa força.” Para HALL (2003), a abordagem sobre “relações de força”, não trata da vitória absoluta de um lado sobre o outro, mas de um processo contínuo entre as forças favoráveis ou desfavoráveis, o que permitira alcançar um “equilíbrio estável”. Na perspectiva emergente de emancipação contra-hegemônica, os sujeitos da pesquisa demonstraram, com posicionamentos, ora divergentes, ora convergentes que a formação de quadros e a atuação em rede eram alternativas viáveis para a construção de um projeto político anti-racista: “A opressão é sempre produto de uma constelação de saberes e de poderes, e, as hierarquias também atuam em redes” (SANTOS, 2008, p.164).

---

missionários que chegaram ao Brasil em 1952, os quais somam atualmente cerca de cento e vinte distribuídos entre Norte (Maranhão) e Sudeste: *As perspectivas dentro das quais os combonianos trabalham é de alimentar uma Igreja comprometida com a vida, voltada para os pequenos e os pobres, aliada dos movimentos sociais e engajada na busca de caminhos de vida, de justiça e de paz. Disponível em: <http://combonianos.org.br/conteudo.php?ctrl=Mjg=&PHPSESSID=bd539f8f9a541422ebf2d78339d7e8>. Acesso em 14 de janeiro de 2010.*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Conforme declarou Davi dos Santos, frade da Ordem Franciscana dos Frades Menores – OFM e (fundador da ONG Educafro - Educação e Cidadania de Afro-descendentes), a intenção de produzir uma Teologia Negra de Libertação permearam os anos 80, para um segmento religioso, do qual ele também fez parte:

Na década de 80 um grupo de 16 pessoas afros descendentes Metodistas, Batistas e Católicos organizou um grupo de trabalho, com apoio do ISER (Instituto Superior do Estudo das Religiões) com o objetivo de se produzir TEOLOGIA NEGRA DE LIBERTAÇÃO a partir de líderes populares. O grupo encontrava-se durante dois dias integrais por mês com o intuito de estudar e debater as questões comuns à comunidade afro descendente a partir do prisma da teologia da libertação. As reuniões aconteceram, em sua maior parte, nas dependências da Faculdade Metodista Bennet, na cidade do Rio de Janeiro. O primeiro afro descendente Doutor em Teologia (Geraldo da Rocha) no Brasil saiu a partir deste grupo. SANTOS (2009, p.97)

Para o autor, a proposta da TNL agregava indivíduos de diferentes matrizes religiosas e recebia ainda incentivo e apoio institucional do Instituto Superior do Estudo das Religiões - ISER. Os encontros mensais, “com o intuito de estudar e debater as questões comuns à comunidade afro-descendente”, expressava a intenção de um movimento estruturado a partir de uma pedagogia da consciência, que buscava se estruturar a partir da formação de agentes sociais. O autor chamou a atenção também para o primeiro afro-descendente doutor em Teologia que saiu desse grupo, o prof. Dr. José Geraldo da Rocha. Dessa afirmação deriva uma representação política, assim como pontuou (GOMES, 2010, p.495):

Os intelectuais que produzem conhecimento com o objetivo de dar visibilidade a subjetividades, desigualdades, silenciamentos e omissões em relação a determinados grupos sócio-raciais e suas vivências são um outro tipo de intelectual. (...) Este grupo de intelectuais desafia a ciência a entender as imbricações das dimensões socioeconômicas, culturais e políticas e não de hierarquizá-las.

Padre João Munari convidou José Geraldo da Rocha para escrever uma coluna no *Pilar* e, este se constituiu como protagonista do debate racial ancorado na perspectiva da Teologia Negra de Libertação. “Na época não era eu diretor do jornal, mas, trabalhando no Secretariado diocesano de Pastoral, podia garantir certas coisas. Além disso, muitas vezes, em casa, com Padres Lino e Mario, juntos discutiam os assuntos para o jornal.” (MUNARI, 28/12/2010).



O *Pilar* publicou dezoito artigos de autoria de José Geraldo da Rocha e doze matérias correlatas à questão racial, em trinta e uma edições, entre junho de 1990 a setembro de 1992, cuja tiragem mensal era de cinco mil exemplares (90/91) e seis mil exemplares a partir de 1992.

As ações dos grupos cuja questão racial tornara-se central se intensificaram especialmente nos anos seguintes. Mas, essa interlocução encontrou resistências, em especial na comunidade leiga: (...) “Os leitores manifestavam suas dificuldades em cartas que chegavam à redação. Isso tinha repercussões? Não. Sabíamos que o *Pilar* estava tentando abrir caminhos para novas expressões, mas no meio de uma mentalidade geral bastante tradicional. Isso então era só um termômetro para medir se podia ou não pisar no acelerador.” MUNARI, (28/12/2010).

A questão racial permanece um tema polêmico que afeta patrimônios sociais, políticos e culturais, mesmo com a compreensão de raça, como categoria política e analítica, culturalmente construída. Na sociedade brasileira, o racismo, estrutural e estruturante ainda atuante na manutenção e reprodução das desigualdades, têm sua visibilidade ofuscada no imaginário social na noção de que as relações assimétricas estão associadas às desigualdades de classe. Como demonstrou uma nota do diretor do *Pilar*, Padre Lino Cordero, dois anos e cinco meses depois da primeira publicação do periódico. Veio a público, que, para alguns leitores, era incompreensível que a população negra, ou um grupo de negros, se posicionasse e se diferenciasse na discussão das desigualdades.

Interessante (porque atual) e bonita (porque feita com amor) questão: vários leitores e pessoal das comunidades, mais de uma vez se dirigiram a *Pilar* para perguntar: “Por que os negros querem ser diferentes, se constituir em grupos separados?” Não somos todos iguais? Igualmente oprimidos socialmente? Não seria melhor lutar juntos e, assim, ter mais força para a conquista de nossos direitos?

A Direção

A redação de *Pilar* sabe que as matérias publicadas nesta página já são uma contínua resposta a essa questão, mas pede se for possível, que os amigos negros tentem responder de maneira fácil e direta (Lino). *Pilar*, (1992, n.º 29,p.10)

Como recorrente posicionamento do senso comum, o paradigma da igualdade foi evocado, assim como o conceito de classe para justificar as desigualdades e a opressão social. Para GUIMARÃES (2002) o conceito de classe não dá conta da particularidade



da reprodução da desigualdade social e da pobreza. A aplicação dos conceitos raça e gênero nas análises socioeconômicas revelam particularidades na construção social da pobreza que não podem ser ignoradas.

DOMINGUES (2007), no entanto, verificou que a luta de classes também foi assumida pelo Movimento Negro Unificado (MNU) que tinha na Convergência Socialista (CS) sua escola de formação e orientação política.<sup>5</sup> Algumas lideranças do MNU combinavam a luta anti-racista com a luta revolucionária anti-capitalista, por entenderem que o sistema alimentava e se beneficiava do racismo. “A política que conjugava raça e classe atraiu aqueles ativistas que cumpriram um papel decisivo na fundação do Movimento Negro Unificado.” (...) (ibidem, p.113),

A articulação das questões de raça e classe, embora concebida pelo movimento negro como um eixo norteador gerava conflitos de base ideológica. Para alguns, o enfrentamento ao capitalismo, à exploração dos que detêm os meios de produção sobre a classe trabalhadora, se confrontava com o ainda movediço conceito de igualdade racial, visto que o Brasil esteve ancorado historicamente nos pressupostos de uma alardeada democracia racial. Nesse sentido, ampliava-se ainda mais o esforço em pautar a questão da desigualdade étnico racial em consonância com a desigualdade de classe. A análise de SANTOS (2005), entretanto, conjugou as questões, não numa relação dicotômica, mas de interdependência. Embora tenha distinguido que a relação raça e classe não seria um fator explicativo das desigualdades da sociedade brasileira, mas, determinante no processo de inserção ou exclusão no sistema produtivo.

O movimento negro, no contexto dessa pesquisa, embora contasse com apoio da comunidade leiga foi realizado na direção inversa dos demais movimentos sociais, pois que esses em geral exercem um contra-poder, ou um poder contra-hegemônico. O movimento negro em sua base católica se constituiu a partir dos quadros da Igreja, ou

---

<sup>5</sup> SANTOS (2005) analisou as relações entre a esquerda brasileira e o debate racial e citou entre as principais matrizes teóricas e políticas, duas vertentes: o marxismo-leninismo e o trotskismo. Para a autora, desde a fundação do Partido Comunista (PCB) em 1922, passando pelas organizações trotskistas que se estruturaram a partir de 1931 com a formação da Seção Brasileira de Oposição Internacional de esquerda e pelas organizações políticas que existiram no período repressivo pós-1964 – a esquerda brasileira não debateu as relações raciais no interior da classe trabalhadora. Em documentos e cartas de princípio das organizações clandestinas da década de 1970 não havia nenhuma referência à desigualdade sócio-racial brasileira. A única exceção foi o Partido Comunista do Brasil (PC do B), que em seu manifesto-programa de fevereiro de 1962 mencionou posição contrária a todas as formas de racismo e fez referência à realidade do negro brasileiro.



seja, daqueles que conheciam as estratégias e fomentavam em seu entorno as condições de disseminação de uma concepção alternativa ao modelo hegemônico. Tal concepção que partiu de uma perspectiva teológica negra gerou conflitos também de base teórica pela via alternativa, a Teologia da Libertação. Esse conflito explica-se porque naquele momento convergiam para a luta de classes tanto os movimentos sociais internos quanto externos à Igreja. Nesse sentido, a constituição de uma rede de apoio entre os diferentes campos de atuação política, sindical, partidário, social e religioso se constituiu como grande desafio para a militância negra católica.

### **A teologia negra de libertação: em busca de uma renovação litúrgica?**

A questão é teológica: o que é a Igreja? Hoje se tende a fazer uma “pastoral das CEBs”. Errado: Igreja é CEB (ou algo parecido) ou não é Igreja. Da mesma forma diria que não pode haver uma Pastoral do Negro, mas uma maneira de ser Igreja onde o negro seja sujeito e protagonista em todos os segmentos das pastorais, em todas as expressões, da liturgia aos sacramentos, da catequese ao compromisso político. O que adianta ter uma Pastoral dos Negros se depois a liturgia é romana? *Padre João Munari, 2010.*

A Teologia Negra de Libertação surgiu nos Estados Unidos na década de 1960, em meio ao Movimento pelos Direitos Civis<sup>6</sup>, em oposição à interpretação religiosa dominante tornou-se uma expressão de luta pela liberdade. No Brasil, esse movimento cresceu a partir do processo de conscientização da opressão e marginalização vivenciadas pelos empobrecidos, acentuado para a comunidade negra no que tange às dificuldades de superação das desigualdades e discriminações.

Para ROCHA (1998) a Conferência de Puebla foi um divisor de águas na relação estabelecida entre a Igreja e o negro no Brasil. A CNBB convocou um grupo de estudiosos da religiosidade popular para subsidiar os bispos que iriam participar da Conferência do Episcopado Latino Americano de Puebla, no México, em 1979. Segundo o autor, a partir do encontro desses estudiosos com os bispos surgiu a proposta de desenvolver um trabalho de formação da consciência dos negros a respeito da sua realidade socioeconômica, política, histórica e religiosa. Denominado *Grupo Tarefa*,

---

<sup>6</sup>Os primeiros livros sobre a questão foram publicados por James Cone, professor da teologia sistemática no Union Theological Seminary em Nova Iorque: *Teologia Negra e Poder Negro* (1969) e *Uma Teologia Negra da Libertação* (1970).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

com as discussões cada vez mais aprofundadas e incentivadas pela CNBB, este projeto passou a integrar a linha missionária da Igreja Católica.<sup>7</sup>

A CNBB, ao criar o grupo tarefa e incluir o tema étnico-racial na linha missionária da Igreja Católica, refletiu o contexto de um movimento eclesial que ocorria em outros países, como confirmam a realização dos Encontros da Pastoral Afro-Americana - EPA, desde 1980, apoiados pelo Departamento de Missão da Conferência Episcopal da América Latina (DEMIS-CELAM). Eventos que contribuíram para a formação de uma rede continental de organizações negras.

ROCHA (ibidem) também ressaltou que o referido projeto da CNBB não ficou restrito aos clérigos mais aberto aos agentes de pastoral leigos, condicionando a participação conforme a consciência da negritude. O primeiro encontro do grupo ocorreu em Capão Redondo - São Paulo, em fevereiro de 1980 e o segundo, na mesma cidade, em setembro daquele ano. O autor se referiu à realização do terceiro encontro em setembro de 1981, em Brasília, com o tema “A Igreja e o Negro”. Nesta etapa da organização se aglutinavam leigos e religiosos negros, quando foi fundado o Grupo de União e Consciência Negra – GRUCON. Durante o evento, a discussão em torno da criação de uma pastoral do negro produziu entre os participantes uma cisão: de um lado, os que defendiam a independência da Igreja na discussão racial, de outro, os que pretendiam fundar uma pastoral católica. A partir desse conflito o GRUCON se dividiu em dois blocos. Os independentes mantiveram o nome do grupo original, e, surgiram os Agentes de Pastoral Negros (APNs) que propunham uma militância baseada na fé que agregasse diferentes orientações religiosas, pois seus membros representavam diferentes orientações teológicas. Entretanto, os APNs não pretendiam assumir a perspectiva que norteou a divisão do grupo, portanto, não criaram uma pastoral do negro.

No depoimento do Padre João Munari ele atribuiu aos APNs a centralidade no que tange a liturgia, que podemos identificar como inculturação<sup>8</sup>. Na década de 90

---

<sup>7</sup> Para colocar em prática as orientações do Concílio Vaticano II, a CNBB lançou, em 1966, o *Plano de Pastoral de Conjunto – 1966-1970*. Foi elaborado durante a VII Assembléia Geral Extraordinária da Conferência, ainda em Roma. A proposta deste Plano era que a Igreja no Brasil se ajustasse rápida e plenamente à imagem da Igreja do Concílio Vaticano II. As diretrizes do primeiro Plano de Pastoral de Conjunto foram inspiradas pelos Documentos do Concílio, dando origem às seis grandes “linhas” de trabalho da Igreja: 1) Unidade visível da Igreja Católica; 2) Ação Missionária; 3) Ação Catequética, aprofundamento doutrinal, reflexão teológica; 4) Ação Litúrgica; 5) Ação Ecumênica; 6) Ação da Igreja no mundo. CNBB. *Plano de Pastoral de Conjunto – 1966-1970*. Brasília, 2004.



observa-se no Pilar, que o tema tornou-se constante e, diversas matérias fazem alusão às “missas afro; inculturadas ou liturgia afro-brasileira”, uma mescla de elementos da cultura e religiosidade africana com a liturgia romana.

Em relação à questão litúrgica, foi assumida porque os negros a apresentavam como uma questão central. A perspectiva dos combonianos em Duque de Caxias foi sempre a de acompanhar e fortalecer a caminhada dos próprios negros, com aberturas, neste sentido, também para os movimentos organizados a nível nacional. Os principais interlocutores sempre foram os APNs. Os APNs puxavam a questão litúrgica. (MUNARI, 19/01/2011)

TEIXEIRA (2002), entretanto, sublinhou o interesse dos Missionários Combonianos em promoverem a aproximação entre a liturgia romana e as manifestações religiosas afro-brasileiras. No *Pilar*, a inculturação vai se configurando como um eixo norteador, assim como referências às celebrações com características afro, algumas vinculadas aos APNs. Rocha, até certo momento, protagonista do debate, se pronunciou sobre o que considerou um desvirtuamento da caminhada do grupo, por entender que as celebrações tomaram uma dimensão teatral, esvaziada de oficialidade.

Um grupo que se organiza para conquistar seus direitos, para buscar construir a cidadania, reconstruindo sua identidade embasando sua luta na fé e na negritude. (...) Alguns dissabores ao longo da caminhada fizeram com que os Grupos de Teologia Negra colocassem no horizonte de suas reflexões a Celebração e seu lugar nas lutas de negritude no meio dos APNs. (...) Por se tratar de encontros de negros, convencionalmente se chamava de Celebração Afro. (...) Houve um desvirtuamento progressivo de uma novidade tão importante para os APNs. A celebração virou show, teatro. A teatralização desta dimensão da luta dos APNs chegou, em determinados momentos, a pôr em cheque a seriedade do grupo/entidade, bem como seu trabalho. Muito tem contribuído para esta teatralização da celebração afro uma compreensão equivocada do sentido de celebrar e do lugar que ocupa a celebração na vida e na luta de um grupo. Enquanto inicialmente se celebravam as descobertas, a

---

<sup>8</sup>O termo “inculturação” indica um processo e como tal não está suficientemente acabado, isto é, sua definição depende da história e do tempo. A expressão tem origem na missiologia, mas deve ser usada também do ponto de vista sociológico-cultural. Trata da relação existente entre a fé cristã e as diferentes culturas. O termo é usado pelos católicos desde a década de 30, embora em textos oficiais da igreja apareça somente na década de 70. A inculturação (...) não pode ser confundida com “aculturação”: (processo de transformação provocado pela convivência de grupos humanos de culturas diferentes); “enculturação” (processo de iniciação do indivíduo à sua própria cultura; “transculturação” (o transporte de elementos culturais e a imposição dos mesmos a uma outra cultura normalmente dominada) e “adaptação” (ajustamento do evangelizador e da mensagem cristã à cultura destinatária através do modo de ser, agir e tradução de textos para a língua vernácula). Seu objetivo é evangelizar as diferentes culturas respeitando as realidades teológicas e antropológicas das mesmas, distinguindo fé e cultura e salvaguardando a unidade e o pluralismo da igreja universal, na busca de sempre maior comunhão eclesial. (BINA, 2006, P.65-66).



história e a caminhada, posteriormente, se passou a colocar a celebração afro, que em alguns lugares recebeu o nome de “Missa Afro”, como ponto de partida para a conscientização para as questões da negritude. Isto significou “por a carroça na frente dos bois”. (...) Temos cometido sérios equívocos nestes anos. Olhar para trás e se dar conta disso é condição para se buscar novos caminhos, novos métodos para irmos proclamando as maravilhas da negritude, que na certa são maravilhas de Deus presentes em nós. Celebrar é comungar da vida do outro e da outra. Para nós negros, é comungar da vida, da memória, da história e da esperança do povo negro. “Vamos rezar com os negros” (ROCHA, Pilar, 1992, nº27, p.11)

Padre João Munari declarou que “Os APNs puxavam a questão litúrgica”, mas, na avaliação de José Geraldo, foi um equívoco do próprio grupo, permitir que as missas e celebrações tenham descaracterizado o trabalho. Os conflitos de concepções teológicas e conceituais acerca da negritude foram ressaltados por Rocha, no mesmo artigo:

Existem, atualmente, alguns esforços visando se refazer deste grande equívoco; encontra-se porém, em meio aos APNs uma resistência muito grande em aprofundar esta questão. Poderíamos dizer que existe uma carência de reflexão do que se faz no campo celebrativo, por um lado, e de outro, existe um segmento que insiste e aposta na tese da “missa afro” como caminho de conscientização para a negritude. (ibidem).

A análise do *Pilar* também revelou crises entre os grupos eclesiais e leigos, como o GRENI - Grupo de Religiosos Negros e Indígenas que congrega padres, bispos, seminaristas negros e os APNs, composto por uma maioria leiga. Ao contrário, ao que declarou Munari, a inculturação era um compromisso notadamente assumido pelo GRENI, fundado em 1992 durante a Assembléia Nacional da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB, entidade que, desde a década de 80 e 90, manteve entre suas principais temáticas de reflexão, a inculturação<sup>9</sup>.

A reforma litúrgica pautada pelo movimento negro em sua base católica, não estava dissociada das orientações da própria Igreja, desde o Concílio Vaticano II, sobre a Sagrada Liturgia. No texto, “Fim do Concílio e sua relação com a reforma litúrgica”, o papa discorreu:

---

<sup>9</sup> Dentre as principais temáticas de reflexão assumidas pela CRB, nas décadas de: 1970: Teologia da Libertação; Leitura da realidade a partir da ótica dos pobres; Vida Religiosa Consagrada e a justiça social; 1980: Opção preferencial pelos pobres; Desafio da evangelização no mundo moderno; Inculturação; 1990: Sensibilidade às novas formas de pobreza: mulher, negros...; Etnia, gênero e cultura. Mística da Encarnação e inculturação. Fonte: <http://www.crbnacional.org.br/novo/index.php/quem-somos/crb-nacional>. Acesso em: 06/05/2011.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

1. O sagrado Concílio propõe-se fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições susceptíveis de mudança, promover tudo o que pode ajudar à união de todos os crentes em Cristo, e fortalecer o que pode contribuir para chamar a todos ao seio da Igreja. Julga, por isso, dever também interessar-se de modo particular pela reforma e incremento da Liturgia. *Sacrosanctum Concilium* (PAULO VI, 1963).

O termo inculturação foi mencionado por João Paulo II, em sua exortação apostólica dirigida ao episcopado, ao clero e aos fiéis de toda a Igreja sobre a Catequese do nosso tempo, no trecho “Encarnação da mensagem nas culturas”:

53. Passo agora a tocar outro problema. Como tive ocasião de dizer recentemente aos membros da Comissão Bíblica, «O termo 'aculturação', ou 'inculturação', apesar de ser um neologismo, exprime muito bem uma das componentes do grande mistério da Encarnação». Podemos dizer da catequese, como da evangelização em geral, que ela é chamada a levar a força do Evangelho ao coração da cultura e das culturas. Para isso, a catequese tem de procurar conhecer essas culturas e suas componentes essenciais; apreender as suas expressões mais significativas; saber também respeitar os seus valores e riquezas próprias. É deste modo que poderá propor a essas culturas o conhecimento do mistério escondido e ajudá-las a fazer surgir da sua própria tradição viva expressões originais de vida, de celebração e de pensamento cristãos. *Catechesi Tradendae*. João Paulo II, Roma, 16 de Outubro de 1979.

A inculturação, também foi confirmada pela IV Conferencia Geral do Episcopado Latino Americano, realizada em 1992, através das Conclusões de Santo Domingo (1997 p.52). O texto, no entanto, conduz a uma interpretação do processo, de forma subordinada, sem confluências entre as culturas evangelizadas: “Uma evangelização inculturada que penetre a cultura urbana, as culturas indígenas e afro-americanas através de uma ação educativa eficaz e uma moderna comunicação.”.

No *Pilar*, embora o tema da inculturação, no contexto da diocese caxiense tenha tomado o centro do debate racial, não era, no entanto, consensual. As divergências entre clérigos e leigos sobre a ação litúrgica, manifestadas pelos membros do GRENI e APNs se unem a mais um componente naquela correlação de forças: os Missionários Combonianos. De posse da imprensa, como expressão influente, e, interessados nas questões em pauta, (assim como pontuou TEIXEIRA, 2002) ao darem visibilidade à inculturação assumiram adesão ao debate.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A inculturação contribuiu também para dissolver as resistências e promover aproximações através de trocas simbólicas de elementos rituais e, foi considerada uma meta traçada pela própria Igreja Católica. A questão, no entanto, possui certa ambigüidade: por conta do processo de inculturação se realizar hierarquicamente, uma vez que seguiu as orientações eclesiais, ao mesmo tempo revelou uma reconceituação, porque se abriu às mudanças. Esse deslocamento do posicionamento da Igreja pode resultar tanto das pressões dos movimentos que se organizaram em diferentes pontos da América Latina, como podem refletir que, no âmbito de sua competência, a intenção da Igreja Católica era manter sua hegemonia político-religiosa, agregar e manter novos fiéis.

### Referencias Bibliográficas

ARQUIVO MITRA DIOCESANA DE DUQUE DE CAXIAS.

BENTO XVI papa. *Homilia do papa Bento XVI por ocasião da beatificação do servo de Deus João Paulo II*. Roma, 01 de maio de 2011. Disponível em:

[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/homilies/2011/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20110501\\_beatificazione-gpii\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2011/documents/hf_ben-xvi_hom_20110501_beatificazione-gpii_po.html). Acesso em 01/08/2011.

BINA, Gabriel Gonzaga. *A contribuição do atabaque para uma liturgia mais inculturada em meios afro-brasileiros*. Dissertação de Mestrado em Teologia. Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. São Paulo, 2006.

CONCLUSÕES DE SANTO DOMINGO. 11ª ed. São Paulo: Loyola, 1997.

DOMINGUES, Petrônio. *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos*. Tempo (online), vol.12, nº23, 2007. p.100-112. Acesso em 22/09/2010.

[www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf](http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf)

GOMES, Nilma Lino. *Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira*. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010a. (p.492-516)

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Editora 34.2002.



- HALL, S. *A relevância de Gramsci para o estudo de raça e etnicidade*. In: SOVIK, Liv. (org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. (p.294-334)
- LOWY, Michael. *A teologia da libertação acabou?* In: TEORIA E DEBATE nº. 31 - abril/maio/junho de 1996.
- JOÃO PAULO II Papa. Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*. (1979). [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_16101979\\_catechesi-tradendae\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae_po.html). Acesso em 24 de abril de 2011.
- PADRE JOÃO MUNARI. Entrevista em 27/12/2010 e 19/01/2011, por correio eletrônico.
- PAULO VI PAPA. *Sacrosanctum Concilium* (1963). [http://www.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](http://www.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html). Acesso em 10/02/2011.
- PAULO VI PAPA. *Populorum Progressio*. (1967) Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/paul\\_vi/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_26031967\\_populorum\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum_po.html) Acesso em 11/04/2010
- PILAR. Periódico editado pela Diocese de Duque de Caxias, Ano I ao III. 1990 a 1992.
- RATZINGER, Joseph Card. *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*. Roma, 1984. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19840806\\_theology-liberation\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html). Acesso 15/04/2011.
- REVISTA TEMPO. *Religiosidade, rebelião e identidade afro-baiana*. Entrevista de Martha Abreu e Ronaldo Vainfas com João José Reis. Rio de Janeiro, v. 06, nº12, 2001. (p.255-260)
- ROCHA, José Geraldo. *Teologia e Negritude: um estudo sobre os Agentes de Pastoral Negros*. Santa Maria. RS: Ed. Palotti, 1998.
- SADER, Emir. (org.) *Gramsci: poder, política e partido*. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

SANTOS, B. de S.. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção para um novo senso comum; v.4).

SANTOS, Gevanilda. *Uma interpretação da relação entre raça e classe*. In: IANNI, Octavio. [et. all]. *O negro e o socialismo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. (Coleção Socialismo em Discussão)

SANTOS, Patrícia Teixeira. *Dom Comboni: profeta da África e santo no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SANTOS, Frei David Raimundo. *Os afro descendentes e as religiões*. In: LIMA, Ivan da Costa, ROMÃO, Jeruse e SILVEIRA, Sônia M. *Os negros, os conteúdos escolares e a diversidade cultural*. NEN – Núcleo de Estudos Negros. Florianópolis: Ed. Atilênde, 3ª ed., 2009. (p.93-112). (Série Pensamento Negro em Educação).